

“PER BÕA FÉ, QUE JÁ SEMPR'ASSI ANDAREI”. ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NAS CANTIGAS DE AMOR E DE ESCÁRNIO E MAL-DIZER DOS CAVALEIROS-TROVADORES GALEGO-PORTUGUESES (SÉCULO XIII)

GLEUDSON PASSOS CARDOSO*

Introdução

Este texto apresenta o desenvolvimento parcial do projeto de estágio pós-doutoral que integra a produção do Grupo de Pesquisa em Cultura Escrita na Antiguidade e na Medievalidade/ ARCHEA-CNPQ-UECE. Tem objetivo entender de que maneira a espiritualidade cristã foi vivenciada na composição das Cantigas de Amor e de Escárnio e Mal-Dizer Galego-Portuguesas, produzidas por Cavaleiros-Trovadores do século XIII. A documentação utilizada é parte integrante das cantigas encontradas no Cancioneiro da Biblioteca Nacional, Cancioneiro da Ajuda e o Cancioneiro da Biblioteca Vaticana, disponibilizados no acervo online *Cantigas Galego-Portuguesas*, organizado em 2011 e hospedado no site da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova Lisboa (LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro et al., 2011), bem como bem como os manuais de cavalaria e ordens militares (Ramón LLUL, São BERNARDO,) textos canônicos (bulas papais, manuais, encíclicas e atas dos concílios) e leis dos reinos ibéricos do período em destaque.

A pesquisa aqui apresentada prima por compreender a espiritualidade cristã representada e praticada nas cantigas galego-portuguesas, de autoria de cavaleiros-trovadores. Neste sentido, se faz necessário o debate sobre uma cultura escrita medieva no campo teórico da História Cultural, tendo por base a consideração proposta por Roger CHARTIER (2011) que aponta que tais *representações* “(...) possuem uma energia própria que convence que o mundo, ou o passado, é realmente o que elas dizem que é”.

Produzidas em suas diferenças pelas desigualdades que fraturam as sociedades, as representações, por sua vez, as produzem ou as reproduzem. Conduzir a história da cultura

* Professor do Curso de História e do Mestrado Acadêmico em História e Culturas/ UECE. Líder do GPESQ CNPQ Grupo de Estudos em Cultura Escrita na Antiguidade e na Medievalidade-ARCHEA/ UECE. Doutor em História Social pelo PPGH-UFF. Membro da Academia da Incerteza.

escrita escolhendo como pedra angular a história das representações. Logo, aliar a potência dos textos escritos através dos quais elas serão lidas ou ouvidas, com as categorias mentais, socialmente diferenciadas, impostas por elas e que são as matrizes de classificações e julgamentos.

Por esta pesquisa está integrada num campo historiográfico em que a *cultura escrita* se entende como um campo de produção artística letrada, em que a linguagem é permeada de diálogos pelas forças sociais culturais do seu tempo, faz-se necessário perceber que, no campo da História Cultural, a linguagem e os discursos proferidos são afirmações e percepções incorporadas por seus produtores (aqui, os cavaleiros-trovadores) nos diversos substratos da vida social. Portanto, a abordagem da História Cultural relacionada à Cultura Escrita analisa nos textos literários os mecanismos de produção de objetos culturais (DUBY, 2011).

Em relação aos conceitos apropriados nesta proposta de pesquisa, a *espiritualidade*, relacionada à experiência cristã no Ocidente Medieval, é um elemento essencial para se entender o que motivou o conjunto de práticas religiosas e as representações relacionadas ao sistema de crenças do período, no momento em que a Igreja Católica se afirmava sobre as demais instituições e grupos sociais na Idade Média Ocidental, deliberando sobre os comportamentos, ideias e valores (GUERREAU, 2002).

Desde as primeiras décadas do século XII, Santo Etienne de Muret (...) dissera e escrevera aos seus companheiros que “não há outra regra senão o Evangelho de Cristo (...)”. Mas foi preciso esperar que São Francisco de assim (morto em 1226), quase um século depois, para que a validade dessa afirmação fosse plenamente admitida na Igreja, e que se tomasse consciência de todas as suas implicações (VAUCHEZ, 1995).

Segundo VAUCHEZ, uma das características do século XIII foi o crescente evangelismo que movimentava tanto os clérigos quanto os leigos, seja aqueles que se enquadravam às orientações de Roma ou mesmo aqueles que passaram a somar os movimentos intitulados heréticos pela Igreja. Esta mesma evangelização, teve vários desdobramentos, desde as "guerras santas" (Cruzadas, Reconquista Ibérica, marcha dos Teutônicos no Leste), quanto à leitura ou disseminação do conteúdo das Sagradas Escrituras em língua vulgar, como se observou na atitude de São Francisco e a ordem dos Irmãos Menores que ele fundou.

Ao que se percebe, o Ocidente Medieval conviveu com novos elementos e transformações pontuais relacionadas à espiritualidade cristã, em boa medida, provocadas

pelas forças históricas sociais antagônicas daquele período, a saber, a afirmação da ordem feudal, o reaquecimento urbano-comercial, a formação dos Estados Monárquicos, o movimento das Cruzadas e a Reconquista Ibérica. A realização de três concílios convocados pela Cúria Romana (Latrão IV, 1215; Lyon I, 1245; Lyon II, 1274) no mesmo século aponta para a necessidade da Igreja se afirmar perante as transformações ocorridas na sociedade ocidental.

No que diz respeito à Península Ibérica, acontecimentos como a afirmação dos clérigos portugueses (bispado restaurado em 1112), a ascensão dos compostelanos (1120) e reação do arcebispo de Braga sobre as dioceses de Santiago de Compostela (1121), bem como a fundação do Reino de Portugal (1128 - 1245), a participação das Ordens Militares durante a Reconquista e a ascensão do Califado Almóada (1149) na península marcava essa tensão na vida secular e espiritual dos nobres e leigos daquele território (COELHO, 2010). Assim, entender a construção dessa espiritualidade cristã na Ibéria diante dos acontecimentos históricos apontados será de suma relevância para se compreender as fronteiras e relações entre o sagrado e o profano na vida e na obra dos cavaleiros-trovadores galego-portugueses.

Por fim, a discussão historiográfica em torno da *cavalaria* se faz pontual para lidar com um segmento da sociedade medieval, cujo seu papel na organização das hierarquias sociais e fronteiras dos espaços de poder foram marcantes. É, sobretudo, em BARTHELÉMY (2010) que esta pesquisa mantém diálogo mais estreito, tendo em vista que este autor mapeou a genealogia deste estrato da sociedade feudal. Para o respectivo autor, foi após o processo que ficou conhecido como Reforma Gregoriana (1073 - 1085) que atravessou os séculos XII, que se vê a ideia de duas milícias está, portanto, mais presente do que nunca; ela se alimenta do ambiente conflituoso da reforma e da cruzada, assim como da presença imaginada de demônios, para se tornar verdadeiramente uma teoria de dois combates (BARTHELÉMY. Op. Cit.).

Naquele período, a nobreza reconheceu o seu papel secular, deixando aos clérigos os assuntos espirituais, como resultado da tensão durante a Querela das Investiduras, e, portanto, se rendia mais à ideia de uma *militia christi* ("milícia de Cristo"), como fruto da campanha das cruzadas. Esses acontecimentos em que novas fronteiras entre os poderes seculares e espirituais estavam se redefinindo, caiu sobre os cristãos a ideia de que estavam lutando tanto no plano físico como no plano espiritual. Esta guerra dupla requeria então uma espiritualidade exacerbada para alcançar a salvação da alma. Para garantir que estivessem salvos, os senhores

feudais costumavam doar bens e servos para monastérios amigos, afim de que os monges rezassem pelo seu benfeitor e garantissem sua salvação, enquanto os laicos garantiam a sua posição social. Entendeu-se que: “É preciso renunciar aos floreios da Cavalaria individual em nome da eficácia, da coesão e ousemos a palavra do realismo de uma milícia verdadeira, de uma coorte disciplinada (...)” (SÃO BENTO apud BARTHÉLEMY, Op. Cit. p.316). São Bento escreveu estas palavras para propagar a ideia de que mesmo na milícia espiritual a união era mais eficaz do que um indivíduo. Isto se deve ao fato de que as características eremíticas da ordem de Cister se atenuam. Estes elementos aliados à ideia de renúncia, votos de pobreza, "guerra santa", caridade e obediência estiveram presentes nas ordens militares que se espalharam pela Europa durante as guerras religiosas, bem como o processo de formação das monarquias ibéricas junto ao processo de “Reconquista”, entre os séculos XI e XV.

Nesse contexto, é mister entender como a cavalaria, enquanto estamento social, e as ordens religiosas, enquanto braço militar à serviço da Igreja se relacionam, muitas vezes, entre alianças vulneráveis e confrontos sangrentos em relação às tensões intra-nobiliárquicas no ambiente das cortes e Estados Monárquicos Ibéricos. Como foi dito outrora, sabe-se que durante o processo de Reconquista, formação dos estados Nacionais e afirmação do poder da Igreja na Ibéria, inúmeros conflitos desta época marcaram a experiência social daquela sociedade. A cavalaria, portanto, composta por homens militarizados, que conviviam nas cortes, foram perpassados por aqueles acontecimentos. Alguns que eram familiarizados ao canto, ao verso, enfim, à arte de trovar, deixaram as suas impressões nos textos literários de época, as cantigas galego-portuguesas que aqui se torna objeto principal deste estudo.

É deste modo que o referencial teórico metodológico deste trabalho em curso está relacionado com os autores e obras que discutem a espiritualidade cristã no Ocidente Medieval, a cavalaria e a Cultura Escrita, tendo por abordagem as observações do campo historiográfico da História Cultural.

Considera-se nesta pesquisa que nas cantigas em evidência outras maneiras de vivenciar a espiritualidade cristã foram possíveis, para além dos (des) encontros afetivos, das disputas nobiliárquicas, do processo de centralização do poder político e das relações oscilantes com a Cúria Romana. Assim, entende-se que os Cavaleiros-Trovadores são agentes históricos que se envolveram diretamente nas tensões políticas, na construção da espiritualidade cristã, bem como, no ambiente das cortes ibéricas, registrando as suas impressões nas cantigas, convergindo, assim, a arte de trovar e arte de guerrear. Os gêneros de

“amor” e “escárnio e mal-dizer” mereceram evidência por conta dos conteúdos semânticos carregados de enunciados cristãos ou cristianizadores (seja como elogio/louvor ou ofensa/sátira), presentes com frequência naqueles escritos de época.

Os textos apreciados comportam em suas narrativas a convergência da vida profana e espiritual dos Cavaleiros-Trovadores, como as guerras ibéricas (intra-nobiliárquicas e religiosa), o ambiente palaciano e a afirmação da fé cristã em meio às tensões entre clérigos e nobres. Levou-se em conta o volume considerável de cantigas produzidas neste período (séc. XIII), momento de relações oscilantes entre os reinos ibéricos e a Igreja, sobretudo entre reinado dos reis portugueses Afonso II, Sancho II e Afonso III.

Outras forças históricas devem ser consideradas sobre as tensões espirituais e seculares que fizeram parte da experiência dos cavaleiros-trovadores, como o processo de construção do Reino de Portugal (1128 - 1245), a participação das Ordens Militares (Templários, Hospitalários e a fundação de ordens ibéricas como a Calatrava) no processo de “Reconquista”, bem como a ascensão do Califado Almóada (1149) na Ibéria (COELHO, 2010). Estes acontecimentos tiveram repercussão nas narrativas dos textos galego-portugueses, como registro das tensões que marcaram as investidas centralizadoras do poder régio, a afirmação dos clérigos locais, as relações com a Cúria Romana, entre outros fatores que permitiram a configuração de uma espiritualidade específica na sociedade de época, marcada por posturas de agentes sociais, que visavam se adequar aos jogos de poder envolvendo as duas maiores forças sociais do período: a Igreja e a Nobreza.

Espiritualidade “flexível” numa Cantiga de Amor

Diante das tensões vivenciadas entre o ambiente das cortes e a fé romana, foi possível identificar nos escritos de alguns cavaleiros-trovadores certa “flexibilidade”, em relação aos preceitos e posturas cristãs apregoadas pelos dogmas cristãos da época. A cantiga “*U m'eu parti d'u m'eu parti*”, da autoria de João Garcia de Guilhade (apx. 1225 - 1275), natural de Guilhade freguesia de Milhazes (Barcelos), trata-se de uma cantiga de amor, em que é percebida uma peculiar postura em relação aos preceitos sobre o amor aos olhos da Igreja e do ambiente cortesão.

U m'eu parti d'u m'eu parti,

log'eu parti aquestes meus

olhos de veer e, par Deus,

ca meu bem tod'era 'm veer;

e mais vos ar quero dizer:

pero vejo, nunca ar vi

Ca nom vej'eu, pero vej'eu:

quanto vej'eu nom mi val rem

ca perdi o lume por en

porque nom vej'a quem me deu

esta coita que hoj'eu hei,

que jamais nunca veerei,

se nom vir o parecer seu.

Ca já ceguei, quando ceguei;

de pram ceguei eu log'entom,

e já Deus nunca me perdom,

se bem vejo, nem se bem hei;

quanto bem havia perdi,

pero, se me Deus ajudar

e me cedo quiser tornar

u eu bem vi, bem veerei.

(LOPES; FERREIRA et al. 2011).

João Garcia de Guilhade foi cavaleiro a “serviço da importante linhagem dos Sousa, o que parece, de resto, confirmar-se pelo facto de o seu nome surgir ao lado do conde D. Gonçalo Garcia de Sousa (filho de D. Elvira e também trovador) nas Inquirições de 1258”. Pelas suas composições teria frequentado a corte castelhana de Afonso X, talvez acompanhando o percurso inicial de D. Gonçalo de Sousa, ou mesmo de seu irmão, D. Fernão Garcia Esgaravunha (OLIVEIRA, 1994 APUD LOPES; FERREIRA et al. 2011)”.

O registro feito em 1ª pessoa alude que o autor conheceu certa dama de uma corte em suas andanças. Quando a viu, logo lhe foi constatado a impossibilidade de aproximação com a mulher desejada. Mesmo a vendo é como se estivesse cego de tanto sofrimento. Pelo seu desejo proibido, o autor constata que Deus jamais irá o perdoar. Mas, num gesto de licença, através de um consentimento, pode bem o próprio Deus o ajudar, numa ocasião oportuna, quando o cavaleiro novamente estiver naquela corte e, quem sabe, ele poderá “bem vê-la”, vê-la de verdade.

A construção semântica deste texto é reveladora por diferentes aspectos. Primeiramente, ao cruzar informações sobre a trajetória do autor, sabe-se que este cavaleiro-trovador esteve itinerante por cortes na Ibéria do século XIII, entre Portugal, Leão e Castela (Idem). Desta feita, João Garcia de Guilhade presenciou episódios envolvendo querelas políticas e religiosas na transição turbulenta entre os reis portugueses Sancho II e Afonso III com a Igreja (1245 - 1248), que chamou atenção das cortes vizinhas em relação aos seus interesses junto da instabilidade no trono português. Em boa medida, esse trânsito do cavaleiro por algumas cortes, entre outras razões provocadas por motivos de disputa de influência entre os reis portugueses e os clérigos, sugere o desconforto em tomar posição de um em detrimento do outro, o que provocaria punições, vinda de ambos os lados, como banimento ou excomunhão. Era prática muito comum entre os cavaleiros vagarem entre as cortes durante períodos de instabilidade política, a fim de não se indispor com as partes envolvidas.

Outra característica reveladora no conteúdo desta cantiga de amor é a “frouxidão” com que o trovador lida com Deus. Numa sociedade em que “é proibido ao esposo e à esposa lançarem-se um ao outro no ardor e na veemência”, bem como os bispos tentam regular a vida moral através da instituição conjugal (DUBY, 2011. p. 42) e “o Estado começava a libertar-se do emaranhado feudal, em que, na euforia provocada pelo crescimento econômico o poder

público se sentia novamente capaz de modelar as relações sociais” (Idem. p. 73), tanto o poder espiritual quanto o poder secular possuíam atenção especial para os assuntos relacionados ao amor. Entretanto, nos últimos três versos da última estrofe de João Garcia de Guilhade (“*pero, se me Deus ajudar/ e me cedo quiser tornar/ u eu bem vi, bem veerei*”) fica patente uma licença teológica/ doutrinária, quanto à possibilidade do seu desejo pela certa dama “proibida” (provavelmente, por se tratar de uma mulher comprometida) ser consentido aos olhos de Deus, uma vez que aos olhos da Igreja seria impossível. Válido lembrar que textos canônicos como o *Decretum* de Burchard de Worms (séc. XI) e as *Sumae Confessorum* (Concílio Latrão IV séc. XIII) foram produzidos, não apenas como manuais de penitências, mas, verdadeiros instrumentos que orientaram as práticas e posturas, elaborando representações consentidas pela Igreja perante o amor, o sexo e a sexualidade no Ocidente medieval por muito tempo (RICHARDS, 1993).

Variações de Conduta: Perseguir e Reconciliar numa Cantiga de Escárnio e Mal-dizer

Outra cantiga que merece atenção é da autoria de João Soares Coelho, natural de Cinfães (apx. 1235 - 1259). A primeira notícia que tem dele é de 1235, como cavaleiro e vassalo do infante D. Fernando de Serpa (irmão mais novo do rei D. Sancho II):

É possível, pois, que João Soares tenha acompanhado o percurso do infante por esses anos, percurso que o leva primeiro a Roma, em 1238, onde vai implorar perdão ao Papa pelos variados atropelos por si e pelos seus homens cometidos contra os bispos de Lisboa e da Guarda, e que o leva em seguida a Castela, entre 1240 e 1243, como vassalo do rei D. Fernando III, seu primo direito. Segundo José Mattoso, D. Fernando de Serpa terá chegado a integrar a hoste do infante herdeiro, D. Afonso (futuro Afonso X), o que fornece um contexto credível para as relações de proximidade que são visíveis entre João Soares Coelho e os trovadores e jograis que fazem parte, por essa época, do círculo do infante castelhano. (LOPES, Graça Videira, 2011).

A cantiga intitulada “*Joan Fernandes, o mund’ é torvado*” traz elementos típicos de uma espiritualidade conflituosa, marcada por desavenças políticas. Por se tratar de uma trova que se enquadra no gênero escárnio e mal-dizer, o desafeto foi um cortesão a quem João Soares Coelho se reporta por Joan Fernandes. O texto está carregado de enunciado que acusam os votos de fé daquele a quem o trovador ataca de modo ápero.

Joan Fernandes, o mund' é torvado

e, de pran, cuidamos que quer fiir:

veemo 'l' emperador levantado

contra Roma e tártaros viir,

e ar veemos aqui don pedir

Joan Fernandes, o mouro cruzado.

E sempre esto foi profetizado

par dez e cinco sinaes da fin,

seer o mund' assi como é, mizerado

e ar tornar-s' o mouro pelegrin:

Joan Fernandes, creed' est a mim

que são home bem leterado.

E, se non foss' o Antecristo nado,

non haveria esto que aven,

nen fiava o senhor no malado,

nem o malado eno senhor ren,

nen ar iria a Jerusalém

Joan Fernandes, o non bautizado.

(Apud SPINA, 2006, 72-73).

Em sua trova, João Soares Coelho afirma que o mundo está confuso, pois, vê-se que o Imperador se levanta contra o Papa (referindo-se ao conflito entre o Rei Sancho II e ao Papa Inocêncio IV) e os tártaros estão quase na Península Ibérica (sobre as notícias da expansão mongol promovida por Gengis Khan). Assim, com tanta confusão, se vê um “mouro

cruzado” quão Juan Fernandes, o seu desafeto a quem ele dirige a cantiga. Segundo o trovador, todos esses episódios já estavam profetizados, um mundo confuso, pois, como se vê um “mouro peregrino” (referindo-se ao islamita que se diz cruzado cristão)? O autor ratifica que o que está sendo narrado deve ser bem entendido, pois, o próprio é um homem de letras. E se o Anticristo não tivesse nascido, não haveria problema, pois, Juan Fernandes, o “não batizado” o substituiria.

O conteúdo semântico dessa cantiga de escárnio e mal-dizer evoca “coerência” em relação à espiritualidade a época, tendo em vista os adjetivos “mouro pelegrin”, “mouro cruzado”, “non bautizado”, em sintonia com o engajamento espiritual e militar durante a “guerra santa”. No entanto, ao cruzar o texto com as informações biográficas de João Soares Coelho, nota-se a cantiga que ora acusa outro cavaleiro aponta para uma “retratação” do autor, em relação à perseguição que o próprio fez aos bispos de Lisboa e Guarda, durante as querelas envolvendo Sancho II e o clero português, que desembocará na “guerra civil” (1245 – 1248, deposição de Sancho II e subida de Afonso III ao trono português), como bem observa José Mattoso (2011). João Soares Coelho deixou evidente em sua narrativa a tensa construção da espiritualidade dos cristãos na Península Ibérica naquele período. Ao fazer uso dos adjetivos acima destacados, entende-se que as querelas envolvendo nobres e clérigos durante o processo de centralização monárquica, marcou a experiência de cavaleiros-trovadores que, muitas vezes, tiveram que levantar armas contra o seu rei ou contra o papa, em virtude da sua condição de vassalos ou fiéis em busca de afirmar a sua fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, vislumbra-se a frouxidão/ flexibilidade nas normas de conduta de cavaleiros na sociedade cortesã ibérica, em relação aos preceitos da castidade, fé e lealdades anunciados, seja pelos valores cristãos se afirmando na Península Ibérica, seja pelos laços vassálicos. Destaque para a forma não convencional de João Garcia de Guilhade em sua relação com Deus, como se o próprio Deus burlasse os ensinamentos espirituais daqueles que anunciam a sua vontade na terra (clérigos, teólogos). De outro modo, o fervor de João Soares Coelho, em acusar um desafeto pessoal de adjetivos desprezíveis a fé cristã, tendo o próprio trovador tomado posturas contra sacerdotes, padres de jurisdições que desafiavam a nobreza de Portugal à época.

Como foi dito antes, estas são considerações preliminares de uma pesquisa de estágio pós-doutoral em construção. Trata-se de uma atividade de pesquisa possível, em boa medida, pela disponibilidade de acervos online de reconhecimento acadêmico e científico, que abrigam documentação histórica referente ao período medieval. É também uma pesquisa que vem somar a produção científica na historiografia cearense, abrindo possibilidades para os estudos além da história local. Por fim, é um trabalho que vem somar a gama de estudos realizados no âmbito do Grupo de Estudos sobre Cultura Escrita na Antiguidade e na Medievalidade/ ARCHEA, espaço que vem primando para construir a possibilidade de pesquisa no campo da História Antiga e História Medieval no Ceará.

BIBLIOGRAFIA

ANTOLOGIA de Textos Medievais. Seleção, Introdução e Notas José Pereira Tavares. 2ª Ed. - Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1961.

BARROS, José d'A. A Arena Social dos Trovadores Ibéricos: Os Enfrentamentos no Interior da Nobreza (Séculos XIII e XIV): Blumenau: Linguagens, 2009.

_____. "Poesia e poder o trovadorismo ibérico no século XIII e a poesia satírica" IN: Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília, Volume 3 Número 1/2 Ano III dez/2010.

BASCHET, Jérôme. A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América. Trad.: Marcelo Rede, São Paulo: Globo, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 7ª ed., São Paulo: Hucitec, 2010.

BAZZANEZI, Carla. A mulher na Idade Média. Campinas: Unicamp, 1986.

BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social In: Enciclopédia Einaudi. Vol.1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984, p.296-331. Disponível em: http://api.ning.com/files/H1qMtTJzigwaJqbK9vgubUg7R3yYwFm9SKqO3kh3Xdz*dx5TQvuZL8kwSGxmIm6s8XPTY2wl99lC6CSVjxuNEaSeorX-L/Imaginaosocial.pdf.

BLOCH, Howard. Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental. Rio de Janeiro: Edição 34, 1995.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. A sociedade feudal. 2ª ed.; Lisboa: Edições 70, 1987

- BARTHÉLEMY, Dominique. A Cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- BASTOS, Mário Jorge M. Religião e Hegemonia Aristocrática na Península Ibérica. São Paulo: FFLCH-USP/ Doutorado, 2002.
- CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- COSTA, Ricardo da; SEPULCRI, Nayhara. COELHO, António Borges. Portugal Medieval. Alfragide: Caminho, 2010.
- DEMURGER, Alain. Os cavaleiros de Cristo: as ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- DUBY, Georges. A sociedade cavaleiresca. São Paulo: Martins Fortes, 1989.
- _____. As três Ordens ou imaginário do Feudalismo. Lisboa: Estampa, 1982.
- FLORI, Jean A cavalaria. São Paulo: Madras, 2005.
- FLORI JEAN. Guerra Santa: Formação da ideia de Cruzada no Ocidente Cristão. Editora da Unicamp, 2013.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.
- FRANCO JR., Hilário. A Idade Média: nascimento do Ocidente. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 2001.
- _____. Os três dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval. São Paulo: Editora da USP, 2010.
- _____. O Ano 1000: tempo de medo ou de esperança? São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval. Prefácio de Jean-Claude Schmitt. São Paulo: Editora da USP, 1996.
- GUERREAU, Alain. Feudalismo IN: LE GOFF, Jacques e SCHIMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Vol. I São Paulo: EDUSC/ Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- HILL, Jonathan. História do Cristianismo - São Paulo: Rosard, 2008.
- HUIZINGA, Johan. O outono da Idade Média. Trad.: Francis Petra Janssen, 2ª reimpressão da 1ª edição, São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- _____. O Declínio da Idade Média. Lisboa: Ulisseia.

JANSON, H. W. e JANSON, Anthony. Iniciação à História da Arte São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. Uma história do corpo na Idade Média. Trad.: Marcos Flamínio Peres, 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. O Maravilhoso e o Quotidiano No Ocidente Medieval. Edicoes 70.

_____. Os intelectuais na Idade Média. Trad.: Marcos de Castro, 5ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

_____. Jacques. O Deus da Idade Média - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MIATELLO, André Luis Pereira. "Quando o pregador ensina a governar: a literatura política dos frades Mendicantes nos reinos ibéricos (séc. XIII)" IN: Revista Diálogos Mediterrânicos. Número 5 Novembro/2013.

MATTOSO, José. Naquele Tempo. Ensaios de História Medieval. Lisboa: Círculos de Leitores, 2011.

MELLO, William Agel. Dicionário Galego-Português. Goiânia: Oriente, 1979.

PIRENNE, Henri. História Econômica e Social da Idade Média São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.

SODRÉ, Paulo Roberto. O Riso no Jogo e o Jogo no Riso na Sátira Galego-Portuguesa. Vitória: UDUFES, 2010.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. A cúria papal e a diocese de Calahorra: as transferências normativas do poder eclesiástico central ao local no século XIII. In: Fábio de Souza Lessa. (Org.). Poder e Trabalho. Experiências em História Comparada. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, v. 1, p. 59-84.

SPINA, Segismundo. Presença da Literatura Portuguesa. Era Medieval. 11ª ed. Vol. 1. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

VAUCHEZ, André. A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VIEIRA, Ana Carolina Delgado. Castela contra Portugal e Portugal contra Si mesmo: A Questão das Fronteiras e da Identidade Nacional nas Crônicas de Fernão Lopes" IN: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH São Paulo, julho 2011.